

(Auto)Crítica do marxismo weberiano: de Lukács a Mészáros

Elcemir Paço-Cunha*

Resumo:

Mészáros desenvolveu um conjunto de críticas ao sistema weberiano que ajudam a demarcar a problemática da suposta complementaridade entre Marx e Weber cuja alegada gênese remonta a *História e consciência de classe*. Tais críticas de Mészáros apresentam-se, no texto, como desdobramento dos achados de Lukács, em *A destruição da razão*, sobretudo no que se refere à luta contra a *prioridade do ser* realizada pela sociologia alemã na qual Weber se inclui, elevando a um caráter determinativo elementos superficiais como o direito e a religião, à esquiva do problema do mais-valor e da exploração do trabalho, por meio de analogias meramente formais e da eliminação da luta de classes da história.

Palavras-chave:

Marxismo weberiano; tipos ideais; relação-capital.

(Self)Criticism of weberian marxism: from Lukács to Mészáros

Abstract:

Mészáros developed a set of critics to the Weberian system which help to establish the claimed complementarity between Marx and Weber, whose origin dates back relatively to *History and class consciousness*. One show in this text those critics made by Mészáros as unfolding of Lukács' findings from *The destruction of reason*, above all the effort against the *priority of being* developed by German sociology in which Weber is locating, attributing a determinative character to superficial elements as the right and religion, the avoidance in respect of the problem of plus-value and the exploitation of labour through mere formalistic analogies, and the obliteration of class struggle from history.

Key words:

Weberian marxism; ideal types; capital-relation.

* Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A autocrítica é um elemento motriz insubstituível no projeto marxiano em função, antes de tudo, de sua necessária interatividade em relação à efetividade que buscou reproduzir em seus pontos angulares, isto é, as contradições mais fundamentais, com vistas à superação das objetividades autonomizadas em relação à vontade da humanidade. Ela é insubstituível, pois, além de avançar sobre a própria materialidade – que não apenas tem lógica própria, mas também possui uma lógica movente –, não cede lugar para as intelecções adversárias as quais buscam direta ou indiretamente solapar precisamente os elementos não negociáveis do referido projeto. A autocrítica é fundamental, portanto, também ao desenvolvimento do tipo de pensamento ligado àquele projeto.

Por isso a crítica de Mészáros à recepção, segundo ele, um tanto quanto indulgente por parte de Lukács acerca do tipo ideal weberiano, faz mais sentido como uma autocrítica desenvolvida no interior de uma produção intelectual que não faz concessões aos tópicos da moda, misturados pelos fabricantes e acumuladores de conceitos. Em *História e consciência de classe*, entendeu Mészáros, a recepção acrítica de elementos da sociologia weberiana teve o preço de aceitar elaborações estranhas, senão contrárias, às resoluções marxianas mais fundamentais. A partir daí, Mészáros desenvolve um conjunto não sistemático de considerações contundentes ao caráter mistificador daquela sociologia. Não sistemático porque se estende de *Filosofia, ideologia e ciência social* até o volume dois de *Estrutura social e formas de consciência* (com ênfase diminuída, é verdade) em função de aspectos específicos nas argumentações. Não obstante, o que Mészáros *não torna absolutamente evidente* é este conjunto mesmo como um tipo de *desdobramento* das proposições do próprio Lukács realizadas em *A destruição da razão*, proposições que operam como *raízes modulares* para as críticas do próprio Mészáros ao sistema weberiano e que fornecem um sentido mais completo a um processo de autocrítica (ao marxismo weberiano) sobre a incorporação de elementos weberianos, sobretudo da *racionalização*, a um projeto (marxiano) que tem por peça fundamental o reconhecimento da exploração do trabalho, da geração do mais-valor – e o potencial revolucionário do reconhecimento dessa contradição fundamental – cuja materialidade e *contradição* na relação-capital mesma encarregaram-se de fornecer um caráter científico-racional à produção; algo que dispensa, pois, a “racionalização do mundo” a partir de um novo *ethos*, de um “novo modo de ver”. De tal maneira é assim que a crítica de Mészáros a Lukács deve ser reconhecida e reconhecer a si mesma como decorrência, como um desdobramento do próprio “acerto de contas” que o segundo empreendeu relativamente, nos anos de 1950, e que aponta para uma superação da própria problemática posta por aquele marxismo weberiano de *História e consciência de classe* e que obstrui consideravelmente outras tentativas na direção de uma *transitividade* entre Marx e Weber.

*

O pano de fundo para a questão em pauta é a problemática conjunção entre Marx e Weber que foi, durante todo o século XX, frutífera ao desenvolvimento de diferentes correntes e também alvo de inúmeras polêmicas importantes. Como dito recentemente, “A relação entre Marx e Weber é um dos temas mais recorrentes na história das ideias sociológicas. Esses autores se complementam ou, ao contrário, seguem trilhas opostas?” (FREDERICO, 2010, p. 200). Não apenas na sociologia tal relação é recorrente, sobretudo porque remonta a problemas de fundamento entre projetos intelectuais distintos cujo único elo objetivo e irrefutável é tão somente a Alemanha.

Seja como for, o fato é a amplitude das questões que esse elo põe. A convergência entre Marx e Weber foi e ainda é crucialmente importante para o desenvolvimento de muitas discussões na filosofia e nas ciências sociais e humanas, não obstante as problemáticas internas nem sempre serem levadas em conta. Basta acompanhar, por exemplo, *As aventuras da dialética* de Merleau-Ponty (1955), no que ele denomina *marxismo ocidental*, o fechamento burocrático radicalizado pelo mundo administrado nas reflexões de Adorno (2005), as questões sempre tensionadas no método histórico discutido por Goldmann (1966), mas também a conjunção de Marx e Weber em Tragtenberg (1974) para fins de uma *análise crítica da organização burocrática*. É possível acrescentar à lista o texto de 1971 de Aschcraft (1977) a respeito dos intercruzamentos entre Marx e Weber acerca do liberalismo; o curto e profundo estudo de Hirano (1973, p. 13) no qual buscou “traçar um confronto entre metodologias radicalmente diversas em termos epistemológicos e axiológicos”; o conjunto de textos sob organização de Jürgen Kocka (1986) em que Hobsbawm (1986, p. 84) indicou que “tem-se frequentemente chamado Max Weber de ‘Marx burguês’” e apontou para as “possibilidades de diálogo” entre Marx e Weber, embora ele mesmo não tivesse dúvidas de “que Weber está em fundamental oposição a Marx e ao marxismo”; e acrescentar também o artigo de Löwy (1992) sobre as decorrências desse marxismo weberiano; a coletânea de textos promovida por René Gertz (1994), a qual exemplifica o debate acerca das conjunções entre Marx e Weber; além do recente livro de Francisco Teixeira em parceria com Celso Frederico (2010a) que retoma consideráveis discussões, especialmente acerca das aproximações e afastamentos entre os dois grandes pensadores.

Apesar dessa amplitude, Merleau-Ponty cunhou, na década de 1950, a expressão *marxisme ocidental* para expressar a circunstância intelectual marxista do início do século XX frente ao problema do *relativismo* como um

contraponto ao determinismo mecânico. Trata-se de um território entre Hegel, Marx e Weber no qual, de acordo com Merleau-Ponty, se insere a ideia de que “o marxismo precisa de uma teoria da consciência que apreenda [rende compte] as mistificações sem lhe interditar a participação na verdade, e é a esta teoria que tendeu Lukács em seu livro de 1923” (1955, p. 58). Certo ou errado, Merleau-Ponty colocou relativamente em destaque a interação de talhe ambíguo que Lukács mantém em relação a Weber em *História e consciência de classe*, relação que, contudo, terminou por deixar entendido que este livro de 1923 fora aquele a inaugurar a conjunção entre Marx e Weber e que, por isso também, guarda lugar central na história do marxismo no século XX. Nessa direção, Löwy (1992), não faz muito tempo, reforçou a tese de que está mesmo neste livro a base de tal conjunção de importância singular para o desenvolvimento, por exemplo, da chamada escola de Frankfurt. Essa tese ganhou profusão também por entendimentos segundo os quais “cada escola no Marxismo Ocidental desenvolveu contato muito próximo, frequentemente quase simbiótico, com sistemas intelectuais contemporâneos [coeval] de caráter não marxista; pegando emprestado conceitos e temas de Weber no caso de Lukács” (ANDERSON, 1984, p. 16). Ou, de maneira ainda mais contundente, “Lukács escreveu *História e consciência de classe* ainda sob profundo impacto intelectual da sociologia de Weber e Simmel, e da filosofia de Dilthey e Lask. Particularmente, suas categorias centrais da ‘racionalização’ e ‘consciência atribuída’ que foram derivadas de Weber” (ANDERSON, 1989, p. 56).

É preciso ter em conta, porém, que, no famoso prefácio autocrítico de 1967, Lukács declara influência de Max Weber num período anterior à redação de *História e consciência de classe*. “Não posso [, disse ele,] descrever minha posição em relação ao marxismo por volta de 1918 sem rapidamente mencionar meu desenvolvimento anterior. Como enfatizei no esboço autobiográfico ao qual apenas referi, a primeira vez que li Marx ainda estava no colégio. Depois, por volta de 1908, eu realizei um estudo d’*O capital* com vistas a estabelecer uma fundamentação sociológica para minha monografia sobre o drama moderno. Naquele momento, então, o meu interesse era o Marx ‘sociólogo’ visto grandemente por meio das específicas lentes metodológicas de Simmel e Max Weber” (Lukács, 1977, p. 11). Lukács, então, menciona a influência fortemente ambígua em relação à filosofia de Hegel, o contato com Sorel e também com Rosa Luxemburgo. O reconhecimento da influência de Weber na leitura de Marx é atinente a um período pré-redação e de corte metodológico, o que deixa a dúvida de permanecer tal influência com a mesmíssima natureza durante a redação do livro em questão.

Não se intenciona, com isso, negar a influência de Weber na redação do livro em pauta. Ao contrário, é bem conhecida a autocrítica de Lukács nesse prefácio sobre sua própria “exaltação hegeliana” [Hegelsche-Überspannung]¹ (1977, p. 22) ao buscar “renovar a tradição hegeliana do marxismo” (p. 23), porém inexistente qualquer consideração nesse mesmo sentido a respeito da incorporação de elementos weberianos que pudessem colocar em dúvida aquela influência. De toda forma, o problema parece ter sido em relação à natureza dessa influência na obra de transição, mais do que propriamente sua existência. Frequentemente é esquecida a combinação teórica nada corriqueira entre a dialética hegeliana e a *possibilidade objetiva* da sociologia de Weber como indicou Vaisman (2005), a ser capturada a partir daquele esforço de renovação da tradição hegeliana do marxismo. Ainda não se demonstrou com precisão se a receptividade em relação aos elementos weberianos teve influência desse resgate da tradição idealista no marxismo, dadas as explícitas e implícitas conexões possíveis entre o idealismo objetivo alemão e a “sociologia da vida”.

Desse ponto de vista, a afirmação de uma “weberianização de Marx” (FREDERICO, 2010, p. 174) em *História e consciência de classe* pode não ser mais do que um exagero, porquanto é possível constatar, como deixou claro uma recente investigação, “que na grande maioria das vezes Lukács de fato incorpora as formulações weberianas procurando articulá-las no seu quadro metodológico e superar a sua parcialidade. O pensamento de Weber, portanto, não é abordado em sua validade como fenômeno social” (TEIXEIRA, 2010b, p. 187). O que pode ser reforçado pela nota de rodapé na qual Lukács (1974, p. 64; 1977, p. 224) afirmou, com desapontamento, não poder em profundidade “indicar a relação do materialismo histórico com tendências similares da ciência burguesa (como os tipos ideais de Max Weber)”. Em outros termos, os elementos weberianos é que foram trazidos para uma matriz marxiana e não o contrário. Disso resulta a necessidade de *suspender* ou, pelo menos, abrandar a ideia de uma “interpretação weberiana de Lukács sobre algumas ideias seminais de Marx em *História e consciência de classe*” (MÉSZÁROS, 1995, p. 336; 2002, p. 413). Pode-se, assim, questionar a entrada desses elementos, a recepção de Lukács em relação à sociologia burguesa de Max Weber, mas não afirmar peremptoriamente a “weberianização

1 Este é um termo problemático. A tradução inglesa preferiu “Hegelian distortion” (*History and class consciousness*. Merlin Press, 1971, p. xx), a castelhana escolheu “exceso hegeliano” (*Historia y conciencia de clase*. Habana: Instituto del Libro, 1970, p. 17) e a brasileira optou por “exagero hegeliano” (*História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, p. 21). Também poderíamos ficar com “tensão” ou “sobrecarga”, mas nenhum parece fazer justiça técnica à intenção de Lukács, além de remeter a outras áreas do conhecimento. O termo aparece outras vezes no mesmo texto com o sentido de “exaltação” e “sobrealimentação”, o que nos habilita a optar pelo primeiro, de maneira muito próxima às escolhas feitas pelas traduções brasileira e castelhana, mas com a vantagem de demarcar a influência de Hegel na leitura que Lukács fez de Marx à época do texto em pauta.

de Marx” ou uma “interpretação weberiana de Marx” naquele livro tão importante para a história do marxismo no século XX, não obstante suas próprias limitações.

*

O reconhecimento da influência de natureza metodológica no período anterior à redação de *História e consciência de classe* não é suficiente para transpor esta mesma influência para o período da redação propriamente dito. Por certo, a intenção aqui também não poderia ser a de averiguar esta questão. O fato amplamente conhecido, porém, pouco comentado, diz respeito a não originalidade de Lukács naquela conjunção entre Marx e Weber, pois, *metodologicamente*, isso já havia sido ventilado, pelo menos em 1904, curiosamente mais ou menos no período aproximado em que Lukács afirmou ter retomado *O capital* por meio das “lentes específicas” de Simmel e Weber. Seria abuso considerar que, durante as aulas, vezes e mais vezes, Weber tenha remetido à sua própria tese, sem qualquer base fundante – diga-se de passagem – de que “Marx” é “de longe o mais importante na construção de tipo ideal” (2001, p. 147), isto sim uma autêntica *weberianização* de Marx? Não é possível, agora, determinar com exatidão em que medida o jovem Lukács teria incorporado esses ensinamentos metodológicos os quais colocam tanto Marx quanto o próprio Weber, ambos iguados numa ordem epistemológica. Resta apenas a especulação acerca da coincidência da absorção de elementos weberianos num estudo que, não por acaso, tenta, entre outras coisas, manter o *método* como o aspecto decisivo de uma consideração séria da dialética materialista, por vezes posta em dúvida no material sobre a ética protestante e o “espírito do capitalismo” escrito, principalmente, entre 1904 e 1905 por Max Weber; material que, na verdade, parece rivalizar mais com uma caricatura de Marx do que com um entendimento minimamente adequado. Por certo, esta presença de Weber em *História e consciência de classe* parece ser mais ambígua do que os estudos puderam mostrar até o presente momento.

Seja como for, não foi, pois, Lukács o primeiro a estabelecer a ligação entre Marx e Weber. O próprio Weber já havia se encarregado disso quase vinte anos antes, por volta da época em que Lukács teve seu contato mais direto com o Marx “sociólogo”, não sem o prisma metodológico de seu professor. No entanto, é verdade que Lukács, em *História e consciência de classe*, iniciou uma maneira específica de ligação entre Marx e Weber que reverberou durante todo o século XX. Um dos aspectos mais importantes dessa ligação é atinente à *racionalização* inerente à esfera da produção com o desenvolvimento da sociabilidade capitalista. O trabalho mesmo entra nessa racionalização convertendo-se em *coisidade*, em mero momento da produção, em um elemento constituinte da *calculabilidade* que ordena a produção capitalista. “Para nós”, disse Lukács (1974, p. 102; 1977, p. 262), “o mais importante é o *princípio* que assim se impõe: o princípio da racionalização baseada no cálculo, na *possibilidade do cálculo*.” A racionalização afasta-se consideravelmente do registro weberiano para ser *rearticulada* à produção diretamente material. Este aspecto foi o que centralmente Lukács capturou para si naquele momento do desenvolvimento de seu pensamento juvenil e de transição, mas não sem consequências.

As polêmicas suscitadas pela conjunção entre Marx e Weber receberam, como referido anteriormente, considerações variadas. Poucos estudiosos dedicaram atenção exclusiva ao problema do ponto de vista dos aspectos não negociáveis do projeto marxiano. Mészáros é um desses poucos que não foi seduzido pelo “grande intelecto” (Merleau-Ponty, 1955) de Weber, tampouco se contentou com o argumento da *provocação intelectualmente produtiva* (cf. Löwy, 1992) alegadamente trazida pela conjunção entre os pensadores. Mészáros levou adiante a tese de que a influência de Weber em *História e consciência de classe* “mostrou-se muito problemática. A teoria weberiana dos ‘tipos ideais’, nesse estágio do desenvolvimento de Lukács”, continua ele, “não é de modo algum submetida a um escrutínio crítico, como testemunham várias das suas referências positivas à ‘tipologia’” (1995, p. 329; 2002, p. 405).

A leitura de *História e consciência de classe* produz muitas provas com relação a esta tese se não fosse aquela pequena nota de rodapé que escapou a Mészáros (e a outros), na qual, como já aludido, Lukács lamenta não poder confrontar o materialismo histórico com tendências similares da ciência burguesa, entre as quais se incluem os tipos ideais de Max Weber. Seria realmente estranho aos “estudos sobre dialética marxista” a aceitação unilateral de elementos de uma sociologia adversária ao projeto marxiano e incompatível com a “dialética materialista [que] é uma dialética revolucionária” – como escreveu o próprio Lukács (1974, p. 16; 1977, p. 172). Aquela única passagem presente na nota de rodapé, constatando o caráter burguês do “tipo ideal”, é suficiente para relativizar a tese sobre a forma como Lukács apreendeu a “tipologia” weberiana, pois, apesar de sua aceitação acrítica constatada a partir das inúmeras menções, a obra guarda já o germe de suas futuras interdições em relação a Weber, interdições centrais ao próprio Mészáros, como veremos.

De toda forma, não pareceu uma aceitação plena, uma “interpretação weberiana de Marx”, assim como não é adequada a ideia da “weberianização de Marx”, mas uma *rearticulação* dos elementos weberianos – sobretudo o da *racionalização* – ao método marxista identificado por Lukács no livro de *transição*, os quais pareciam, à época, promissores. O próprio Mészáros afirmou, em *O poder da ideologia*, que

Depois da Primeira Guerra Mundial, em *História e consciência de classe*, Lukács, e em certa medida sob sua influência Karl Korsh também, adotam algumas preocupações teóricas de Weber. Ao mesmo tempo ultrapassam radicalmente a maneira de Weber de avaliar suas implicações tanto sobre a teoria quanto sobre a prática social. Sejam quais forem as limitações de *História e consciência de classe*, não se pode negar que seu autor situa o problema da “racionalização” em seu contexto social adequado e historicamente específico, enfocando tanto os antagonismos tangíveis da sociedade de mercadorias [commodity society] quanto os pontos de vista diametralmente opostos dos principais agentes sociais, que apresentam perspectivas teóricas alternativas a partir das quais uma solução para as contradições identificadas pode ser vislumbrada (1989, p. 22; 2004, p. 77, grifo do autor).

Adicione-se que, como bem sabe ele (MÉSZÁROS, 2006), o pensamento marxiano não é um sistema fechado, sagrado, que não possa ser modificado, retrabalhado, inclusive, a partir de categorias externas que se mostrem *razoáveis*. A problemática está precisamente na razoabilidade das categorias enquanto “*Daseinsformen, Existenzbestimmungen*”, da forma como colocou Marx (1983, p. 40); está, da mesma forma, no seu acerto de contas com as relações sociais as quais tais categorias expressam enquanto *abstrações razoáveis*, relações efetivamente existentes sob a superfície da ampla produção-reprodução social (PAÇO-CUNHA, 2010). É exatamente este exercício que está ausente em *História e consciência de classe*, assim como em muitos outros estudos que partem da complementaridade entre Marx e Weber simplesmente como algo pressuposto (cf. MOTTA, 1986).

*

Para Mészáros, a conjunção entre Marx e Weber não pode ser sequer colocada. Onde muitos viram complementaridade, ele estabeleceu o caráter mutuamente refratário, dada a oposição enquanto “ideologias” rivais – segundo sua acepção (cf. MÉSZÁROS, 1989, 2004, parte I) –, e também a diferença nos próprios projetos intelectuais. A tônica tende, porém, para a oposição “ideológica”, que termina por condicionar os problemas de ordem metodológica (no caso de Weber). Nessa direção, disse ele, em seu mais recente estudo, que “A incompatibilidade fundamental da categorização weberiana com a consideração de Marx sobre as categorias torna-se clara se compararmos suas ideias sobre a natureza da agência coletiva e a consciência coletiva” (2011, p. 89). Não é preciso, entretanto, ater-se aqui à totalidade das considerações críticas de Mészáros à sociologia weberiana, mas tão somente aos pontos a partir dos quais se pode determinar, com maior clareza, o significado dos achados de Lukács em *A destruição da razão*.

Em *Filosofia, ideologia e ciência social*, obra publicada na década de 1970, o ângulo central das considerações de Mészáros (1993) é a ausência radical da categoria “trabalho” no discurso de tipo weberiano (p. 28). Sumariamente, é possível indicar: 1) a neutralidade axiológica cujo resultado é a eliminação do “inter-relacionamento estrutural fundamental entre o capital e o trabalho” (p. 29); 2) o caráter “ideológico” dos tipos ideais, que hipostasia a própria produção capitalista e a burocracia, tornando a primeira uma formação social insuperável e a segunda um “imperativo categórico” (p. 31); 3) a separação entre “tipo ideal e categorias da realidade empírica” que força a “solução de problemas basicamente ontológicos no interior dos limites de critérios puramente epistemológicos” (p. 35). Estes três pontos aqui sumarizados dão apenas uma visão geral, mas suficiente para capturar ao menos duas direções básicas: a obliteração da relação-capital e a mistificação do modo de produção do capital como resultado dessa sociologia. Na maneira de Mészáros colocar tais considerações sobressai o tratamento “ideologicamente motivado” que Weber fora capaz de dar aos problemas efetivamente materiais.

Esta tônica permanece presente em *O poder da ideologia*, escrito em 1989. Lá, comentou Mészáros,

Weber recomenda sua “análise científica tipológica” a partir de sua alegada “conveniência”. Sua cientificidade nunca é estabelecida senão por definição. De fato, a aparência de “cientificidade tipológica rigorosa” surge das definições “inequívocas” e “convenientes” com que Max Weber sempre embarca na discussão dos problemas selecionados. Ele é um mestre sem rival nas definições circulares, justificando seu próprio procedimento teórico em termos de “clareza e ausência de ambiguidade” de seus “tipos ideais”, e da “conveniência” que dizem oferecer. Por outro lado, Weber nunca permite que o leitor questione o conteúdo das próprias definições nem, assim, a legitimidade e validade científica de seu método, construído sobre suposições ideologicamente convenientes e definições circulares “rigorosamente” autossustentadas (1989, p. 18; 2004, p. 72).

Em claro contraste com o “grande intelecto” – conforme posto por Merleau-Ponty (1955) –, Mészáros apresenta “o mais influente dos ideólogos ‘pós-marxistas’” (1989, p. 85; 2004, p. 146), cujo “segredo da crescente influência atlântica (...) foi a conjunção favorável entre as características de sua orientação e as necessidades ideológicas da ordem sociopolítica internacional em mudança” (1989, p. 86; 2004, p. 147). Trata-se de um tipo de pensamento que “conseguiu formular uma crítica da *burocracia* e da *racionalidade tecnológica* ao mesmo tempo em

que as declarava ser – e com elas o capitalismo como uma ordem socioeconômica e política – fundamentalmente inultrapassável” (1989, p. 87; 2004, p. 148, grifo do autor).

Parece ter sido essa crítica à burocracia, indevidamente desconectada do lastro mistificador da sociologia weberiana, a base de sustentação sempre cambaleante de grande parte dos teóricos que buscam aproximar Marx e Weber, seja lá por qual caminho for. As constatações weberianas imanente e diretamente limitadas pela “liberdade de valores”, e assim mesmo sedutoras, por exemplo, de Tragtenberg (1974), permitiram pôr em relevo a desumanização trazida pela burocratização do mundo, uma burocratização, porém, posta como forma insuperável da própria vida humana. O reconhecimento completo do caráter problemático do sistema weberiano, sobretudo se considerado do ponto de vista do projeto marxiano, interdita as supostas complementaridades, as quais, por necessidade, desconsideram os fundamentos irreconciliáveis. Por isso, Mészáros é enfático no argumento segundo o qual

A crítica weberiana se revelou, portanto, como a forma mais acabada da acomodação. Declarando que as “visões de mundo” – necessariamente ligadas a conjuntos de valores inconciliáveis – “nunca podem ser produto do conhecimento factual”, Weber as privou de qualquer base possível de *justificação*, exceto uma subjetiva e totalmente arbitrária. (Como já vimos, os critérios de escolha weberianos só tinham de fazer sentido “subjetivamente”.) E situando todo o discurso sobre valores na esfera da *subjetividade isolada*, excluiu *a priori* a possibilidade de uma articulação coerente e objetivamente viável das “visões de mundo” e dos valores a elas associados sobre uma base *coletiva e socialmente efetiva*. Mas era precisamente este o significado ideológico fundamental, assim como o núcleo estruturado, do monumental, e com respeito a seu poder de atração ideológico/intelectual em muitos aspectos mesmo hoje não superado, empreendimento weberiano (1989, p. 152; 2004, p. 215, grifo do autor).

Esta incompatibilidade fornecida pelo próprio sistema weberiano como um contraponto ao projeto marxiano – no qual estão inclusos a reprodução da materialidade no pensamento por meio da razoabilidade das categorias, o desvelamento das formas aparentes, o revolucionamento da ordem social existente e de seus antagonismos estruturais etc. – é explicitada no argumento de que

Weber estabeleceu condições que eram radicalmente incompatíveis não apenas com o materialismo histórico como sistema explanatório causal (isto é, solicitando-lhe que substituísse suas categorias – definidas por Marx como *Daseinsformen* sociais, “formas do ser social” – por “tipos ideais” vazios), mas também com o socialismo e a revolução. Ele não imaginou, em nenhum momento, que uma revolução socialista pudesse “criar um todo histórico”, pela simples razão de considerar o capitalismo – com seus necessários “cálculo”, “racionalização”, “burocracia” etc. – fatalmente *insuperável* (MÉSZÁROS, 1989, p. 153-4; 2004, p. 217).

Estes pontos reforçam o entendimento de que há uma oposição aos aspectos fundamentais do pensamento marxiano, da relação ontológica entre ser e pensar ao projeto de revolucionamento social, passando necessariamente pela obliteração da relação-capital.

Em *Para além do capital*, publicado em 1995, Mészáros (1995, 2002) dedica um capítulo no qual aparecem considerações radicalmente diretas à presença de elementos weberianos em *História e consciência de classe*. Disse ele que “O peso da influência weberiana é particularmente revelador a este respeito”. Mészáros salienta a “aprovação incondicional” de Lukács em relação à “afinidade estrutural entre o Estado capitalista e as empresas na sociedade de mercadorias” (p. 330, p. 407) a partir das passagens de *História e consciência de classe*, especificamente do famoso capítulo sobre a reificação. Lá aparecem os efeitos dos tipos ideais, a partir dos quais, “sociologicamente falando, o Estado moderno é uma ‘empresa’ (*Betrieb*) idêntica a uma fábrica: esta, exatamente, é sua peculiaridade histórica” (WEBER, 1997, p. 40). Com essas passagens, as quais atestam a recepção aberta da analogia entre Estado e Empresa, Mészáros argumenta que “longe de identificar as especificidades históricas reais do ‘moderno capitalismo’, como Weber alega, sua principal preocupação é a radical obliteração delas sob um acúmulo de características funcionais superficiais” (1995, p. 331; 2002, p. 408). As críticas de Mészáros pesam sobre a “mera *analogia*”, a “identidade mecânica” entre estado e empresa e as consequentes mistificações dessas formas “racional-burocráticas” em que, também argumentou ele, “o objetivo de Weber é a representação tendenciosa das relações capitalistas como horizonte intransponível da própria vida social” (1995, p. 332; 2002, p. 409), retirando de cena “precisamente a verdadeiramente relevante categoria das *classes em luta*” (p. 333, p. 410, grifo do autor).

A isto se adicionam os comentários frequentes, mas em menor intensidade, presentes em *Estrutura social e formas de consciência*, nos quais a tônica permanece sendo a mesma que se pôde averiguar até aqui. Disse Mészáros que “a grande popularidade do conceito de Weber de ‘racionalização’ e ‘tipos ideais’ é incompreensível sem estar inserida nesta tendência ideologicamente motivada”, que “facilita aos filósofos escaparem das contradições inerentes do quadro conceitual do capital”. Ou, dito de outra forma ainda mais contundente, “Em última análise, a própria noção weberiana de ‘racionalidade formal’ é um meio conveniente de racionalizar e legitimar a *irracionalidade substantiva* do capital” (2010, p. 63). Vale também deixar indicado o volume dois, desta mesma obra, na qual Mészáros (2011, p. 88) rivaliza contra o novo impulso do neweberianismo, principalmente o de Peter Worsley, em

descartar os elementos marxianos mais fundamentais em nome das categorias abstratas, como *cultura*.

É o bastante para caracterizar os elementos centrais das críticas de Mészáros à sociologia de Max Weber; não à totalidade dessa sociologia, mas aos pontos substancialmente mais problemáticos uma vez prismados – embora não por inteiro – a partir das questões essenciais do pensamento marxiano, em especial a maneira pela qual o próprio Mészáros determinou a questão da “ideologia”. Ao mesmo tempo, tais críticas são indiretamente direcionadas ao Lukács de *História e consciência de classe*, vez que todos os aspectos problemáticos e radicalmente opostos ao projeto marxiano foram, por assim dizer, considerados com indulgência nesta obra de transição do jovem Lukács. Ou, como preferiu o próprio Mészáros, faltou um “escrutínio crítico” por parte do pensador húngaro em relação aos conceitos weberianos, embora tenha realizado uma relativamente adequada rearticulação, sobretudo da *racionalização*, dos aspectos diretamente materiais da produção do capital.

Como já anunciado antes, esta carência de um “escrutínio crítico” se inverte radicalmente trinta e um anos depois em *A destruição da razão*². Por certo que Mészáros reconhece a importância dessa alteração e é preciso adiantar esta indicação para evitar qualquer mal entendido. Ele comentou em *O poder da ideologia* uma passagem dessa última obra apenas para indicar que Lukács atribuiu a Weber uma concepção conservadora de democracia (1989, p. 86; 2004, p. 147).

Em *Para além do capital*, porém, Mészáros esclareceu corretamente que

n^o *A destruição da razão*, os uma vez tão admirados pilares metodológicos do edifício conceitual weberiano foram submetidos a uma crítica radical por Lukács. Ele traçou uma nítida linha de demarcação entre o que considera ser um critério necessário de racionalidade genuína – i.e., uma racionalidade em completa consonância com a dialética objetiva do processo histórico – e até mesmo o sistema ideológico explicitamente antissocialista e completamente subjetivista do sociólogo alemão. E ele insiste que o sistema weberiano, não obstante todas as alegações de objetividade, de “neutralidade de valores” (*Wertfreiheit*) e de “racionalidade estrita” postas por seu criador, permanece confinado aos limites “*irremediavelmente irracionais*” das analogias formais (1995, p. 340; 2002, p. 417).

Mas esse reconhecimento de Mészáros não é suficiente para um pensamento de autocrítica porque, precisamente, *não põe irrevogavelmente em relevo* algo que está no fundamento das, e que ao mesmo tempo condiciona as suas próprias considerações, críticas em relação à sociologia weberiana.

Não é lugar, porém, para um resgate completo das interdições de Lukács (1958, 1972) de *A destruição da razão* a Weber. Tratar-se-ia de um quase acerto de contas com a *relativa aceitação acrítica* de *História e consciência de classe*, se não fosse a empreitada, naquele momento, de situar Weber no conjunto da sociologia alemã, a “sociologia da vida”, do período imperial, e esta sociologia, no conjunto do pensamento alemão, do mesmo período, marcado pelo *irracionalismo*. É preciso sublinhar novamente que a questão não é recuperar toda a discussão de Lukács acerca do irracionalismo, nem todas as considerações dele sobre Weber, mas indicar que embora o primeiro considere o segundo como um inimigo do irracionalismo, dada a exigência de rigor científico que retira da sociologia o julgamento de valor – e isso é uma expressão da luta contra o irracionalismo que Lukács constata e não uma afirmação positiva dessa *neutralidade* –, reintroduz o irracionalismo pela própria “liberdade de valores” [*Wertfreiheit*] (p. 194, p. 498). Disse Lukács, nessa direção, que

O irracionalismo é a forma que assume (...) a tendência a esquivar a solução dialética de problemas dialéticos. A aparente cientificidade, a rigorosa “liberdade de valores” da sociologia é, portanto, na realidade, a fase mais desenvolvida do irracionalismo ao qual agora se tem chegado (1958, p. 193; 1972, p. 497).

Estas indicações baseiam-se nas constatações que ele fez acerca do que denomina “luta contra o materialismo”. Na sociologia propriamente daquele período, a luta, diz Lukács, é “contra a prioridade do ser social, contra o papel determinante do desenvolvimento das forças produtivas” (p. 183, p. 487). Este ponto angular da análise de Lukács indica a própria natureza da metodologia dos sociólogos alemães – e entre eles, Weber –, qual seja, “chegar a compreender, aparentemente, a essência do capitalismo sem entrar nos seus verdadeiros problemas econômicos (sobretudo, no problema do mais-valor, da exploração)” (p. 186, p. 490). Lukács constatou, com a exatidão que lhe é própria, que, nessa sociologia mesma, o traço decisivo da sociabilidade determinada é deslocado ou desconfigurado, como resultado da esQUIVA frente às questões verdadeiramente materiais e de fundamento da produção capitalista. Ele reconhece, porém, que “O fato da separação dos trabalhadores e dos seus meios de produção, o aparecimento do trabalho livre, é certamente mencionado e ele cumpre mesmo na sociologia weberiana

2 Vale, porém, deixar indicado o texto de Lukács “Marx und das Problem des ideologischen Verfalls” (publicado em *Karl Marx und Friedrich Engels als Literaturhistoriker*. Aufbau-Verlag Berlin, 1948) no qual o autor faz inúmeros comentários críticos à sociologia weberiana, portanto, anos antes da publicação de *A destruição da razão*. Consulte também a tradução deste texto feita para o português e publicado em *Marxismo e teoria da literatura* pela Civilização Brasileira em 1968.

um papel não negligenciável”, já que é um dos elementos centrais da organização burocrática, independente de se tratar do Estado ou da empresa capitalista. “Mas”, interdita Lukács na continuidade, “a característica decisiva do capitalismo”, para Weber, “reside na racionalidade e calculabilidade” (Lukács, 1958, p. 186; 1972, p. 490) e não no papel que desempenha aquela separação na relação entre capital e trabalho, dado que o problema do mais-valor está ausentado e, assim, essa relação de apropriação mesma; por isso, é aparente compreensão. Numa *desarticulação da rearticulação*, o mesmo aspecto que Lukács considerou de importância central anos antes em *História e consciência de classe*, apresentou-se, anos mais tarde, como profundamente problemático.

O autor argumenta ainda que o movimento da sociologia alemã traz como resultado “a inversão dos verdadeiros elementos da economia capitalista, fazendo com que os fenômenos vulgarizados da superfície desempenhem o papel prioritário sobre os problemas relacionados com o desenvolvimento das forças produtivas” (p. 186, p. 490), produzindo, adicionalmente, “deformações abstratas” que deram às “formas ideológicas, principalmente o direito e a religião, uma função equivalente ao da economia, atribuindo-lhes mesmo uma ação causal superior”. Para Lukács essas analogias substituem gradativamente a especificação das relações determinativas, o que demarca o traço do irracionalismo. “É assim”, diz ele, “que Weber sublinha a analogia grosseira entre o Estado moderno e uma empresa capitalista”, analogia marcante que é simples descrição; dada a sua “posição agnóstico-relativista, rechaça o problema da causação primária” (p. 186, p. 490). Tal sociologia se degenera em uma “mística irracionalista” (p. 189, p. 493), irracionalismo místico, na feitura de “analogias abstratas” (p. 191, p. 495). Há, por fim, um tipo de bloqueio do “devir social” insistentemente posto pela distorção ou deslocamento daqueles traços fundamentais da produção capitalista e pela rejeição da “luta de classe” como um fato da história (p. 192, p. 496).

Este aspecto fundamental da crítica de Lukács endereçada a Weber aponta não apenas *de facto* um movimento consideravelmente oposto à falta de “escrutínio crítico” em *História e consciência de classe*, mas, ainda mais importante para as intenções aqui presentes, coloca em absoluta evidência a *raiz modular* para as próprias considerações de Mészáros ao sociólogo alemão. É essa conexão que precisa ser evidenciada para o estabelecimento mais claro de uma autocritica no interior dessa linha de pensamento.

Sem dúvida alguma, a luta contra o materialismo, contra a *prioridade do ser social*, estabelecendo elementos da superestrutura idealista (religião e direito, por exemplo) como *os determinantes*, denota que, para Lukács, há na sociologia alemã – e nela, Weber – uma *aparente* compreensão e explicação da realidade, pois a retirada da *prioridade do ser* é, ao mesmo tempo, esquiva dos problemas materiais fundamentais do próprio modo de ser da sociabilidade capitalista. Isso parece ter ressonância direta na afirmação de Mészáros sobre a incompatibilidade entre o materialismo histórico e os tipos ideais weberianos, além das considerações a respeito da ausência da categoria *trabalho* no discurso do sociólogo alemão, algo que, não por menos, elimina – mas apenas no interior do próprio sistema weberiano, permanecendo, pois, existente na efetividade mesma desse ordenamento social –, o relacionamento estrutural entre capital e trabalho. Somados os dois pontos, o movimento de esquiva do problema do mais-valor, da exploração do trabalho, constatado por Lukács, é a base para a afirmação de Mészáros, segundo a qual se realiza uma obliteração da relação-capital mediante a conversão de aspectos ontológicos em problemas epistemológicos. Ou, como Lukács colocou, trata-se da fracassada insistência em resolver problemas dialéticos de maneira não dialética, o que, nos termos de Mészáros, é o movimento de uma tentativa de escape das contradições inerentes ao quadro conceitual do capital.

No rastro de problema tão crucial, há de ser destacado o aspecto mistificador dos tipos ideais, sobretudo o de *burocracia*. Mesmo no ponto em que Weber parece se aproximar das determinações marxianas mais fundamentais, algo se mostra problemático. Lukács reconheceu que a questão da separação entre a propriedade e o trabalho, isto é, o parto histórico do *trabalho livre*, é destacada por Weber muitas vezes. Esta separação, porém, está submetida à identidade entre Estado e empresa capitalista, identidade manifesta na famosa frase weberiana já aludida, segunda a qual, *sociologicamente* falando, o Estado é uma empresa idêntica a uma fábrica, o que fornece sua peculiaridade histórica. Deste ângulo sociológico, prevalece a separação entre o funcionário e os meios de serviço, tanto na esfera econômica, como na estatal, na militar, no laboratório de pesquisa etc. A identidade aqui fornece o traço do tipo ideal e elimina por *necessidade lógica* o caráter específico da separação entre propriedade e trabalho no que diz respeito à produção do mais-valor e, portanto, dissolve precisamente a relação de exploração da força de trabalho para a produção da riqueza privada. Por isso, é possível insistir com Lukács em se tratar de uma aparente compreensão, mas também da elaboração de “analogias abstratas” nas quais se perde o caráter antagônico das relações de produção. Ao submeter todas as diferentes esferas ao conceito geral de burocracia, desaparece a contradição das relações materiais e mesmo as conexões recíproco-dialéticas entre as diferentes, porém, não independentes esferas. Daí a afirmação de Lukács acerca da “analogia grosseira entre o Estado moderno e uma empresa capitalista”. Essa questão também parece ter matizado as considerações de Mészáros, sobretudo a afirmação de não haver no sistema weberiano uma preocupação autêntica com a identificação das especificidades históricas reais da sociedade do capital, mas com a eliminação delas pelo “acúmulo de características funcionais superficiais”, como disse ele. Em outros termos, trata-se da confecção de “*mera analogia*” e de “*identidade mecânica*” entre Estado e empresa, olvidando a contradição movente da forma do metabolismo social corrente.

De maneira complementar, mas não menos relevante, Mészáros enfatizou consideravelmente a obstrução histórica fornecida à sociedade do capital por mediação da sociologia weberiana. O embaraço aí não é apenas referente à incompatibilidade entre os tipos ideais e o materialismo histórico, a tentativa de substituição das categorias como *Daseinsformen* por “tipos ideais vazios”, mas também em relação, como disse Mészáros, ao “socialismo e à revolução”, pois para ele, Weber considerava o capitalismo como “fatalmente *insuperável*”. Afirmam-se as relações sociais correntes, especificamente as relações contraditórias fundamentais sobre as quais se erguem as formas mistificadas dessas mesmas relações (como o estado, por exemplo), como modo de organização inultrapassável da vida humana. Disso resulta, ou é condição, a total ausência da luta de classes como o verdadeiro motor da história. No lugar da categoria das “*classes em luta*”, disse Mészáros, impõe-se a alteração na subjetividade isolada e, assim, está invertido todo o projeto marxiano, não apenas no aspecto “metodológico”, mas também no fechamento dos horizontes da mudança social radical necessária. E esta análise de Mészáros está em consonância com as constatações de Lukács, como indicadas antes. Primeiro, uma inversão para fornecer o caráter determinante aos elementos superestruturais, retirando o lugar da “atividade produtiva” como o “*übergreifende Moment*” (Marx, 1983, p. 29), isto é, a luta manifesta contra a *prioridade do ser social*, como indicou Lukács acertadamente. Segundo, o próprio autor húngaro constatou a rejeição em relação à “luta de classe”, bloqueando, assim, qualquer chance de alteração das relações sociais de produção especificamente capitalistas. Para a sociologia weberiana, como também se apresenta na filosofia hegeliana e na economia política clássica – guardadas as profundas distinções –, a produção do capital é posta peremptoriamente como o fim da história.

*

Com esses apontamentos, ficam evidenciadas as conexões entre as constatações de Lukács em *A destruição da razão* e as considerações de Mészáros em relação aos elementos fundamentais da sociologia weberiana. A autocrítica se completa no reconhecimento aberto dessas conexões, precisamente porque permitem apreender os pontos mais importantes das interdições aos elementos essenciais do sistema weberiano, fortalecendo a demarcação, mas não sem provas, de interdição ao relacionamento entre Marx e Weber e de indicação de superação do marxismo weberiano – em vez de uma recusa em assumir uma posição a este respeito por ser considerada “uma posição meramente ideológica” (TEIXEIRA, 2010c, p. 168). Permite também apreender os pontos nos quais o avanço provocado pela autocrítica são realmente efetivos.

Contra a impressão ligeira, Mészáros não repele simplesmente as constatações primordiais de Lukács acerca das problemáticas envolvidas nos tipos ideais weberianos, embora, como se vê, os condicionantes são irrefutáveis. No que diz respeito aos tipos ideais propriamente ditos, é possível constatar (ainda que inicialmente!) um avanço de Mészáros em relação a Lukács, o que confirma a tese aqui posta de um desdobramento importante entre *História e consciência de classe*, *A destruição da razão*, *Filosofia, ideologia e ciências sociais*, *O poder da ideologia*, *Para além do capital* e, até agora, *Estrutura social e formas de consciência*, embora seja preciso dizer que o próprio Lukács sitiou suas críticas a Weber a partir das questões ligadas à “sociologia da vida” e, assim, não se tratou de uma crítica dedicada aos tipos ideais weberianos – algo, porém, que tem necessidade histórica de ser feito por consequência de *História e consciência de classe* e que tanto o *Préface* de 1967 quanto *Para uma ontologia do ser social* não parecem ter realizado.

Com efeito, nos textos de Mészáros existe uma tendência a reduzir as problemáticas envolvidas às *operações ideologicamente motivadas*; algo que precisa ser, sem dúvida, considerado no conjunto, em vez de matricular o conjunto dessas mesmas problemáticas. As considerações de Mészáros são, pois, uma consequência necessária, embora não completa. Trata-se, pois, de um desdobramento não linear no qual Mészáros consegue avançar no aspecto mistificador dos tipos ideais weberianos, limitando-se bastante, porém, a circunscrevê-lo no interior do problemático conceito de “ideologia” que ele próprio desenvolve, sobremaneira em *O poder da ideologia*, consideravelmente deslocado em relação à maneira do próprio Marx de colocar o problema. Vaisman (1996), por exemplo, atestou que, na *determinação marxiana*, figura a ideologia duplamente: como referência aos neo-hegelianos, de um lado, e, de maneira *nominativa*, ao conjunto especificado como superestrutura idealista, de outro de questões que se posta entre Marx e Weber, como continuidade de uma autocrítica que remonta ao texto de 1923 do filósofo húngaro, seja *prismar autenticamente* o segundo a partir do primeiro, não com elementos mais ou menos soltos – ou reduzindo todas as questões aos conceitos que são em si mesmos problemáticos do ponto de vista do pensamento do próprio Marx –, não também tendo por eixo a recusa da tomada de posição, senão integralmente com o rigor necessário ao levantamento das provas que coloquem um ponto decisivo a esse questionamento do marxismo weberiano. Seja como for, Lukács e Mészáros seguem sendo referências basilares e insubstituíveis também neste aspecto, ao lado do próprio Marx.

Referências bibliográficas

ADORNO, T.W. *Negative dialectics*. New York: Continuum, 2005.

ANDERSON, Perry. *Considerations on western Marxism*. 3th impression. New York: Verso, 1989.

_____. *In the tracks of historical materialism*. Chicago: University of Chicago, 1984.

ASCHCRAFT, R. “A análise do liberalismo em Weber e Marx”. In: COHN, G. *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

FREDERICO, Celso. “O marxismo weberiano”. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. *Marx, Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Cortez, 2010.

GERTZ, R. *Max Weber e Karl Marx*. São Paulo: Hucitec, 1994.

GOLDMANN, L. *Sciences humaines et philosophie*. Paris: Éditions Gonthier, 1966.

HIRANO, Sedi. *Castas, estamentos e classes sociais*. São Paulo: Alfa-Omega, 1973.

HOBBSBAWM, E. “Marx und Weber, ein Kommentar”. In: KOCKA, J. *Max Weber, der Historiker*. Band 73, Kritische Studien zur Geschichtswissenschaft. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.

KOCKA, J. *Max Weber, der Historiker*. Band 73, Kritische Studien zur Geschichtswissenschaft. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.

LÖWY, M. “Figures du marxisme wébérien”. In: Marx et Weber, *Actuel Marx*, n. 11, 1992.

LUKÁCS, G. *La destruction de la raison* v. 2, Paris: L’arche Editeur, 1958.

_____. *El asalto a la razón*. 3. ed. Barcelona: Grijalbo, 1972.

_____. *História e consciência de classe*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

_____. “Vorwort”. In: *Werke, Frühschriften II, Geschichte und Klassenbewusstsein*. Neuwied und Berlin: Luchterhand, 1977.

_____. “Geschichte und Klassenbewußtsein”. In: *Werke, Frühschriften II*, Neuwied und Berlin: Luchterhand, 1977.

MARX, K. Einleitung zu den Grundrissen der kritik der politischen Ökonomie. *Werke*, Band 42, Dietz Verlag Berlin, 1983.

MERLEAU-PONTY, M. *Les aventures de la dialectique*. Paris: Gallimard, 1955.

MÉSZÁROS, I. *The power of ideology*. New York: Univerty Press, 1989.

_____. *Filosofia, ideologia e ciência social*. São Paulo: Ensaio, 1993.

_____. *Beyond capital*. London: Merlin Press, 1995.

_____. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. *Social structure and forms of consciousness: the social determination of method*. v. 1, New York: Monthly Review Press, 2010.

_____. *Social structure and forms of consciousness: the dialectic of structure and history*. v. 2, New York: Monthly Review Press, 2011.

MOTTA, Fernando C. P. *Organização e poder: empresa, estado e escola*. São Paulo: Atlas, 1986.

PAÇO-CUNHA, Elcemir. *Gênese, razoabilidade e mistificação da relação social de produção em Marx: a organização burocrática como abstração arbitrária*. Tese (doutorado em administração) apresentada ao Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração, Belo Horizonte, 2010.

TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. *Marx, Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Cortez, 2010a.

TEIXEIRA, Francisco. “Uma leitura crítico-comentada de *A ética protestante e o ‘espírito do capitalismo’*”. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. *Marx, Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Cortez, 2010c.

TEIXEIRA, Mariana O. do N. *Razão e reificação: um estudo sobre Max Weber em História e consciência de classe*, de Georg Lukács. Dissertação (mestrado em história da filosofia contemporânea) apresentada ao IFCH/Unicamp, Campinas, 2010b.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974.

VAISMAN, E. *A determinação marxiana da ideologia*. Tese (doutorado em educação) apresentada à FAE/UFMG, Belo Horizonte, 1996.

_____. Encontros e dissonâncias: o caráter da interlocução entre Weber e Lukács. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 50, jul. 2005.

WEBER, M. “Burocracia e liderança política”. In: *Weber: Textos selecionados*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.